

## História urbana e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia/São Paulo

*Sênia Bastos<sup>1</sup>*  
*Maria do Rosário Rolfsen Salles<sup>2</sup>*  
*Marielys Siqueira Bueno<sup>3</sup>*

**Resumo:** Esse artigo parte da idéia de que o Bairro pode encerrar as diferentes fases do desenvolvimento urbano de uma cidade, nesse sentido, tem por proposta a análise das transformações da cidade de São Paulo, a partir do Bairro de Santa Ifigênia, realizada por meio de visitas *in loco* e levantamento bibliográfico. Localizada na Subprefeitura da Sé, Distrito da República, conta com uma população de 47.458 pessoas, numa área correspondente a 2,3 Km<sup>2</sup>, cuja composição populacional é bastante heterogênea, caracterizando-se por uma das mais evidentes deteriorações que o centro de São Paulo sofreu, o que expulsou grande parte dos moradores de classe média, tendo dado lugar a uma ocupação diversificada, caracterizada por uma população flutuante nos inúmeros hotéis e cortiços existentes, conservando parte da população negra remanescente dos períodos anteriores e abrigando novos imigrantes angolanos, nigerianos, latino americanos etc. e migrantes internos, sobretudo nordestinos.

**Palavras-chave:** História urbana. Hospitalidade. São Paulo.

A história de uma cidade não é somente uma contribuição ao conhecimento do passado, que vai aumentar o patrimônio das lembranças históricas, mas permite também considerar o presente numa perspectiva correta, e ajuda a projetar melhor – com maior consciência e responsabilidade – o futuro do ambiente urbano.

As cidades brasileiras crescem muito rapidamente e, entre elas, São Paulo mais do que qualquer outra. A velocidade é tão grande, a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior: os jovens não conhecem a cidade onde, jovens como eles, viveram os adultos..... Os estudos históricos tornam-se então, duplamente necessários, para que não se deixem cair no esquecimento os cenários da vida passada, e para restituir profundidade à experiência do ambiente urbano (BENÉVOLO, 1983).

A questão urbana das grandes cidades não só incorpora estilos de vidas díspares como está, permanentemente, em processos de diferenciação que, conseqüentemente, determina desigualdades espaciais e distinções na ocupação do seu espaço.

---

<sup>1</sup> Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: bseniab@terra.com.br

<sup>2</sup> Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: mrrsalles@anhembimorumbi.edu.br

<sup>3</sup> Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: marysbueno@yahoo.com.br

O bairro de Santa Ifigênia expressa essa diversidade na arquitetura, nos estilos de vida, nos diferentes atores que compõem seus habitantes e na multiculturalidade pois se trata de uma população bastante heterogênea, na medida em que o Bairro abrigou desde ex-escravos e imigrantes, até estratos mais elitizados da população paulistana.

O bairro de Santa Ifigênia localiza-se na subprefeitura da Sé, Distrito da República que conta hoje com uma população de 47.458, numa área correspondente a 2,3 Km<sup>2</sup>.

O nome do Bairro, Santa Ifigênia, remonta ao início do século XIX com a criação da Freguesia (1809) ligada à Paróquia de Santa Ifigênia,, numa região que comportava uma bifurcação para os Caminhos de Pinheiros e Luz e abrigava inúmeras chácaras<sup>4</sup>, entre as quais a do Arouche.

A rua Santa Ifigênia, aberta em 1810 pelo Marechal Arouche de Toledo Rendom até a rua Elesbão (atual rua Aurora), concentrava a população mais abastada. A Rua dos Bambus (atual Avenida Rio Branco) era ocupada por estudantes, o que explica a existência de muitas residências acadêmicas, como “repúblicas” de estudantes, onde moraram conhecidas personalidades que passaram pela Faculdade de Direito, como Afonso Arinos, Afrânio Melo Franco, Melo Pimentel e Francisco de Andrade (SCHVARZMAN, 1986)

De fato, havia nítida divisão do espaço entre as classes mais abastadas e os pobres, a elite ocupado o chamado Campo Redondo (atual Campos Elíseos) e a rua Florêncio de Abreu, enquanto os pobres ocupavam as partes baixas das ruas dos Bambus (atual avenida Rio Branco), Aurora, Triunfo<sup>5</sup> e Duque de Caxias, vítimas constantes de enchentes, assim como boa parte do Bairro do Bom Retiro, e onde se localizavam a maioria dos edifícios transformados em cortiços.

A partir de 1872 assiste-se ao fim das antigas chácaras, ao arruamento das ruas Alegre e General Osório, a implantação de residências, fábricas<sup>6</sup>, alfaitarias, lojas de comércio de roupas e de artigos para formatura. Hotéis, pensões e cortiços eram atraídos para a região em

---

<sup>4</sup> Destacam-se também as chácaras do Bom Retiro, do Carvalho, do Campo Redondo, do Manfred Meyer, do Miguel Carlos e do Brigadeiro Tobias

<sup>5</sup> A denominação das ruas constitui uma alusão ao término da Guerra com o Paraguai: Triunfo, Vitória e Aurora (TOLEDO, 1983). Localiza-se nas proximidades, na Praça Princesa Isabel, o Monumento a Duque de Caxias (1960), patrono do exército, de autoria de Victor Brecheret; é considerado o maior monumento equestre do mundo, em cuja base encontra-se representada uma cena da Guerra do Paraguai: a Batalha de Itororó.

<sup>6</sup> As fábricas presentes na região eram as fiações de algodão, tecidos, livros em branco, licores, vinagre, água gasosa, pianos, a Tipografia de Seckler, a fábrica de carros do sr. Mesemberger e fundições (SCHVARZMAN, 1986).

virtude da existência das estações ferroviárias de São Paulo Railway (1867)<sup>7</sup> e Sorocabana (1875).<sup>8</sup> Nos terrenos alagadiços a baixo custo ali presentes, reuniam-se habitações precárias e moradias simples.

Em razão da epidemia de febre amarela, a partir dos primeiros anos da República, foram identificados 65 cortiços<sup>9</sup> com cerca de 1.320 moradores de “todas as nacionalidades e condições, que deveriam ser somados às 46 casinhas, 47 hotéis-cortiço, 48 sobrados-cortiço e 49 cômodos nos fundos das vendas usados como aposentos de aluguel (SCHVARZMAN, 1986).

A cidade, diz Paul Singer (1973, p.142) “é a sede do poder e, portanto da classe dominante” que, no seu empenho de rentabilidade dos espaços para assegurar o desenvolvimento das forças produtivas implica num processo contínuo de destruição e reconstrução criando zonas preferenciais valorizadas e com conseqüentes deslocamentos da população que fica sujeita às oscilações da ocupação do Bairro.

Assim, a primeira década do século XX conferirá ao Centro a implantação de grandes avenidas, o projeto de implantação de um novo viaduto, ligando o “Triângulo histórico “ao bairro de Santa Ifigênia e o replanejamento do vale do Anhangabaú<sup>10</sup>. Ao que se refere ao bairro de Santa Ifigênia esse projeto resultou na implantação do Viaduto Santa Ifigênia (1913), início da edificação da Igreja Santa Ifigênia, alargamento/prolongamento das ruas São João, Vitória, Conceição (atual Gásper Líbero) e Estação (atual Rua Mauá) e a concentração de prostitutas nas ruas Timbiras, Ipiranga e Amador Bueno.<sup>11</sup>

No plano cultural observam-se a sala de cinema Brasil (1915), na Rua Santa Ifigênia e o Teatro Rio Branco, na Rua General Osório. A ferrovia atraiu ainda a instalação de escritórios filiais das companhias estrangeiras das distribuidoras de filmes, dada a facilidade de importação e remessa de filmes.

<sup>7</sup> O atual prédio da Estação da Luz data de 1901.

<sup>8</sup> A antiga estação localizava-se na esquina das ruas Mauá e General Couto de Magalhães, a atual edificação foi iniciada em 1938, passando a denominar-se Júlio Prestes em 1951 (GIESBRECHT, 2007).

<sup>9</sup> Localizavam-se nas ruas General Osório (11), Gusmões (15), Duque de Caxias (2), Vitória (4), Aurora (1), Timbiras (3), Santa Ifigênia (16), Andradas (2), Triunfo (2), Protestante (1), Guaianases (2), Conselheiro Nébias (1), Bom Retiro (4), Lar dos Protestantes (1).

<sup>10</sup> O plano previa a substituição do antigo Viaduto do Chá (1892), inaugurado apenas em 1938.

<sup>11</sup> A presença de prostitutas nessa região decorreu do alargamento da rua Libero Badaró. Em 1930 elas foram transferidas para as ruas Vitória, Guaianases, General Osório e Gusmões, passando a residir nos hotéis e casas de cômodos próximos às estações ferroviárias. A presença das prostitutas incrementou a abertura de bares, hotéis e casa de cômodos, restaurantes e salões de beleza. Com o fim do confinamento do meretrício a boca passou a concentrar maior degradação e a pobreza da prostituição.

Segundo Gilberto Velho (1995, p.227) “a questão urbana tem sido apresentada ora como fonte inesgotável de problemas, ora como notável progresso na evolução social mas sempre como um grande desafio produtor de novas formas de sociabilidade e interação social”. No bairro de Santa Ifigênia esse desafio ganha acentuadas proporções devido a sua composição populacional bastante heterogênea e por apresentar uma das mais evidentes deteriorizações que o centro de São Paulo já sofreu, fato que expulsou grande parte dos moradores de classe média, tendo dado lugar a uma ocupação diversificada, caracterizada por uma população flutuante nos inúmeros hotéis e cortiços existentes, conservando parte da população negra remanescente dos períodos anteriores e abrigando novos imigrantes angolanos, nigerianos, latino-americanos etc., e migrantes internos, sobretudo nordestinos formando um caleidoscópio comunitário. Essas diversidades interagem dando margem a combinações e reinvenções culturais

É bastante difundida a imagem sobre a cidade de São Paulo, de que “São Paulo não pode parar”. Essa imagem, entretanto, construída ao longo do tempo, alia-se à imagem do progresso ou da locomotiva que conduz o restante do país, construída ao longo do processo cujas origens remontam ao desenvolvimento da economia cafeeira e à industrialização. Essa imagem não corresponde à realidade do crescimento urbano, se pensarmos na redução do ritmo de crescimento nas últimas décadas e mesmo na diminuição dos fluxos migratórios em direção a São Paulo e nas transformações estruturais nas funções industriais que a cidade desempenhava. Sobrepõe-se hoje a imagem de São Paulo como uma “selva de pedra”, uma cidade preferencialmente voltada aos serviços, aos negócios, aos investimentos financeiros, num processo de des-industrialização, ainda que assumindo a liderança sobre uma série de atividades fundamentais do país, no setor financeiro, no aspecto cultural etc., mas passando visivelmente por uma desaceleração do seu ritmo de crescimento. Esse “movimento” tem conseqüências diretas sobre as diferentes formas de hospitalidade que a cidade vem adquirindo através dos tempos. Estereótipos se criaram em função dessa imagem de “selva de pedra” e, portanto, de inospitalidade, ao lado de outras que se constituíram no processo de acolhimento aos imigrantes estrangeiros e aos migrantes internos, de uma cidade que oferece oportunidades, que acolhe sem discriminação.

Não obstante ser multidimensional e heterogêneo o bairro produz alternativas e nele podem-se observar práticas sociais que redimensionam o sentido da rua mostrando que há uma sociabilidade multiforme, subterrânea, tenaz.

O lado econômico, onipresente e ruidoso durante a semana e durante o dia, dá lugar a uma mudança de cenário aos fins de semana e à noite. A rua agora se torna lugar de encontro, de interação. Crianças brincam na calçada, o churrasquinho dá animação no ‘bate-papo’. A racionalização eficaz do dia dá lugar para a descontração mediada por relações interpessoais. A rua se anima, sobretudo pela presença de bares e restaurantes de várias categorias ao lado da forte e conhecida presença da prostituição em ruas “históricas” como Aurora, Andradas, Timbiras, Duque de Caxias etc.

Maffesoli (1979) aponta para a importância desse espaço para uma sociabilidade de base, pois o que está em jogo é a partilha diária dos afetos, da palavra que se dá nesses momentos de encontro. Ele deixa transparecer o clima desses momentos quando diz:

... é na vida mais concreta que existe mais socialidade. Longe das estruturas econômicas ou políticas, a comunicação enquanto função essencial, perfeita, inscreve-se nos lugares mais humildes, nas situações mais banais. É conhecido que, quando num vilarejo ou num bairro um bar fecha suas portas, é um pouco da vida que cessa. Nesse espaço onde estão em jogo tantos afetos e conversações, a sólida trama social se constitui gradativamente. (p.62)

### **Mudanças no bairro**

As duas primeiras décadas do século XX conferirão ao Centro um re-planejamento urbanístico, com intervenções claras no sentido de descongestionar as vias públicas (tanto ao que se refere aos pedestres, quanto os veículos), promover a ligação entre os bairros<sup>12</sup>, ajardinamento, reforma e criação de praças<sup>13</sup>, o projeto de construção de um novo viaduto, ligando o “Triângulo histórico” ao bairro de Santa Ifigênia, o re-planejamento do vale do Anhangabaú (1911)<sup>14</sup> e a demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo reunia no seu entorno forte concentração de negros, constituindo-se palco de “procissões, congadas, batuques, sambas, moçambiques e caiapós” (FRÚGOLI, 2000, p. 52). Alvo de reformas, o

<sup>12</sup> Nesse sentido, destacam-se a criação do viaduto Santa Ifigênia, ligando o centro novo e velho, e a ligação entre o Pátio do Colégio e a Praça da Sé.

<sup>13</sup> Frúgoli (2000, p. 51-2) destaca a ampliação do Largo do Rosário, cuja denominação é alterada para Praça Antonio Prado, a arborização e ajardinamento do Parque da Luz e da Praça da República, o alargamento e reforma da Praça da Sé, o projeto paisagístico do Parque Anhangabaú e do Parque Dom Pedro, e a criação da Praça do Patriarca.

<sup>14</sup> O plano previa a substituição do antigo Viaduto do Chá (1892), inaugurado apenas em 1938.

Largo do Rosário (1904-5) foi ampliado e sua denominação alterada para Praça Antonio Prado, a igreja foi demolida e transferida para o largo do Paissandu.

Ao que se refere ao bairro de Santa Ifigênia, esse projeto de melhoramentos resultou na implantação do Viaduto Santa Ifigênia (1913), início da edificação da Igreja de Santa Ifigênia, construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo (concluída em 1906), alargamento/prolongamento das ruas São João, Vitória, Conceição (atual Cásper Líbero) e Estação (atual Rua Mauá) e a concentração de prostitutas nas ruas Timbiras, Ipiranga e Amador Bueno<sup>15</sup>.

Infere-se que a transferência da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos tenha resultado em uma nova territorialização dos negros, cujas atividades ainda se mantêm na região, reforçada pela instalação da homenagem à Mãe Preta (1953), localizada em suas proximidades, no largo do Paissandu.

Ao que se refere à Igreja de Santa Ifigênia (1912), edificada em estilo gótico e romano, outra referência negra se destaca, visto que tem como santa padroeira uma “princesa de Noba” (Etiópia), popularmente incorporada como a protetora dos incêndios e dos movimentos de moradia. A edificação contempla diversas obras de artes:

imagens de santos feitas na Europa, vitrais confeccionados em Veneza, no estilo gótico, com três rosáceas que representam a Sagrada Família, telas dos pintores Benedito Calixto, Henri Bernard, Dario V. Barbosa e Carlos Osvald. Entre outras preciosidades, estão os altares confeccionados pela Casa Pucci e pela Casa Tomagnini, Fratello e Cia. e cúpulas do italiano Gino Catani. O altar da Capela-mor foi executado pelo Instituto Bryal de Mayer de Munique e as caixas de esmolas e cofres foram confeccionadas no Liceu de Artes e Ofícios. Em 1920, chegaram de Paris os púlpitos de carvalho, com grades e adornos de bronze em estilo gótico, e os paraventos com vitrais que reproduzem a Sainte Chapelle, de Paris, feitos pela Maison Forest de Berier. Em 1922, foi inaugurado o órgão fabricado na Alemanha pela casa Walcker, na época um dos maiores da América latina (DPH/PMSP).

Essas transformações tiveram repercussão no plano cultural: observa-se a criação da sala de cinema Brasil (1915), na rua Santa Ifigênia, e o Teatro Rio Branco, na rua General Osório. A ferrovia atraiu ainda a instalação de escritórios filiais das companhias estrangeiras das distribuidoras de filmes, dada a facilidade de importação e remessa de filmes, nas ruas Duque de Caxias (Grande Empresa Cinematográfica, J. R. Staff – 1915; Importadora Francisco Matarazzo e Cia – 1923), Andradas (Agência Central Cinematográfica Pathé-Ziegletz e Castello – 1915), Aurora (Empresa Pellicules D’Luxo da América do Sul – 1917),

Santa Ifigênia (Agência Central Cinematográfica; Universal Films - 1921) e Brigadeiro Tobias (Empresa Cinematográfica Penfilme – escritório e depósito), bem como a presença de garagens e comércio de carros novos e usados.

Escolas<sup>16</sup>, residências *chics* ao lado de cortiços, lojas de luxo e de comércio miúdo conferiram um caráter de transição ao bairro até os anos 1930. Resulta da transferência da elite paulistana para os bairros de Higienópolis e Paulista o reaproveitamento máximo das casas, cujos terrenos são subdivididos, acarretando o crescimento do número de habitações coletivas a baixo custo.

Nova configuração viária será implementada na área central na década de 1940, refletindo-se no bairro de Santa Ifigênia mediante o prolongamento e alargamento das avenidas Ipiranga, Duque de Caxias e Cásper Libero. Tais medidas resultam da efetivação do Plano de Avenidas, que compreendia “uma proposta global que abrangia sistema viário, circulação e transportes, além de diretrizes de embelezamento e arruamento, zoneamento, expansão urbana e legislação tributária” (FRÚGOLI, 2000, p. 53).

### O setor de hospitalidade

O setor de hospitalidade é o destaque central do bairro, por concentrar as estações ferroviárias e rodoviária (1961)<sup>17</sup>, que atraíram para região hotéis, restaurantes e diversas modalidades de lazer. A Rua Santa Ifigênia confere intensa vitalidade à região, atraindo compradores de diferentes localidades (infere-se a existência de um roteiro de compras composta pelas ruas 25 de Março e Santa Ifigênia, que tem no Viaduto o ponto de ligação privilegiado).

A música *underground* constitui uma referência contemporânea à região, em cujo passado destacou-se pela presença das distribuidoras e salas de cinema e a prostituição.

No que se refere aos hotéis, diferentes modalidades de acomodação podem ser localizadas, de pensões a hotéis econômicos. Destaque deve ser conferido ao São Paulo Center Hotel (1920 – projeto do escritório Ramos de Azevedo) no Largo Santa Ifigênia 20, 26,

<sup>16</sup> O Instituto D. Ana Rosa (1874) destinava-se à formação profissional de meninos, localizava-se na antiga chácara do Senador Queiroz, nas proximidades da Rua Alegre (atual Rua Brigadeiro Tobias). No Largo Santa Ifigênia havia o Colégio Moretson (1878) e na Rua Duque de Caxias, a Escola Teuto-Brasileira, dirigida pelo prof. F. Boeschenstein.

<sup>17</sup> A instalação da rodoviária atrairá para o bairro o comércio de fretes.

40, 44, 56; ao Hotel Marian Palace, avenida Cáper Líbero 65, que constitui um "hotel de época" legítimo, instalado em um edifício agraciado com o Prêmio Nacional de Arquitetura, em 1942, estilo "Art Déco", foi adaptado para hotel em 1950.

Com a opção progressiva pelo transporte rodoviário, a rodoviária foi instalada na Avenida Duque de Caxias em 1961, com sua transferência para o Terminal Tietê em 1982, a partir do que, a edificação teve seu uso alterado para funcionar como um shopping popular especializado em tecidos, vulgarmente conhecida como Shopping Coreano. Recentemente foi anunciando um projeto (2008) que pretende transformá-la em sede da São Paulo Companhia de Dança (SPCD), composta por centro cultural e teatro, e da Escola de Música do Estado, seguindo a tendência cultural que reproduz os modelos da Sala São Paulo e do Museu da Língua Portuguesa, conferindo um novo uso às antigas estações ferroviárias Luz e Júlio Prestes.

O projeto da estação Júlio Prestes (1938), de inspiração clássica francesa – estilo Luís XVI, foi feito pelo arquiteto brasileiro Christiano Stockler das Neves, baseado nos modelos das grandes estações norte-americanas: a da Pensilvânia e de Nova York. O prédio foi adaptado para abrigar a sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a OSESP, um auditório com excelente acústica, com capacidade para 1.500 lugares, voltada aos concertos de música erudita: a sala São Paulo, mais nove salas de ensaio (uma para madeira, uma para metais, uma para percussão, duas para orquestra, duas para violinos, uma para viola, violoncelo e baixo, uma para conjunto de câmara), além de uma biblioteca para partituras.

A Estrada de Ferro Inglesa, The São Paulo Railway, foi inaugurada em 1867, mas a edificação hoje ali existente (inaugurada em 1901 com materiais importados da Europa) foi projetada pelo arquiteto inglês Charles Henry Driver, em estilo neoclássico. Mantém-se em atividade, sendo importante por interligar as linhas dos trens CPTM e o Metrô, além de abrigar o Museu da Língua Portuguesa. Juntamente com a Estação Júlio Prestes, constitui o carro chefe do processo de requalificação da região da Luz.

O Bar Léo, localizado na Rua Aurora, 100, foi inaugurado em 1940, constitui um ponto de referência, na região de Santa Ifigênia, famoso pela comida saborosa e por servir o “melhor chopp da cidade”.

O Bar Brahma – Avenida São João, 677, fundado em 1948 pelo alemão Henrique Hillebrecht, ficou conhecido como reduto de intelectuais, políticos e músicos nos anos 1950 e



60. Embora tenha fechado as portas por cerca de duas décadas, reabriu em 2001, contemplando inúmeras atividades culturais, além do tradicional chopp.

O Ponto Chic – largo do Paissandu – inaugurado em 1922, é famoso por ter inventado o bauru (pão francês, queijo, roast beef e tomate) e por reunir personalidades do mundo artístico, da política e dos esportes.

O bar com música nordestina e forró, na Rua Vitória, é freqüentado atualmente por migrantes: “há ali um ambiente de convívio verdadeiro, que transforma a espelunca em palácio, casa familiar, aldeia (OLIEVENSTEIN, 1993, p. 23).”

A Sala Real, balada Hip Hop – Rua Epitácio Pessoa, 155, nas proximidades da “boca do lixo” exhibe som *underground*, “ponto de encontro do público e de personalidades de cena *hip hop* paulistana, principalmente aqueles que se convencionou chamar de ‘nova escola’ (MACEDO, 2007, p. 203).”<sup>18</sup> Exhibe um palco iluminado com luzes vermelhas, onde uma banda, composta por baixo, guitarra, bateria e um DJ animam a noite: “as pessoas se inscrevem para subir no palco e criar um *rap* de improviso com uma base rítmica criada pelo DJ e a banda [...] a grande diversão é ver a performance dos *freestyles* (MACEDO, 2007, p. 204)”. Os participantes são jovens (16 a 30 anos) e realizam “festas” nas esquinas lindas à Sala, nas proximidades de botecos.

A versatilidade de atividades pode ser complementada pela presença do Clube Danger – Rua Epitácio Pessoa, para freqüentadores homossexuais. Acrescenta-se o Green Express – Avenida Rio Branco, 90 - tradicional salão de samba rock, dança específica de negros paulistas. No fundo do salão funciona a Tony Hits Discos, loja especializada em discos de vinil, ponto de encontro de músicos e DJs.

As referências musicais também podem ser observadas no Clube do Samba Rock - Av. Ipiranga, 200 – cuja tradição paulista, o samba-rock difundido nos anos 1960, mistura o *swingue* de ritmos brasileiros, como o samba com a energia do *rock* e da *Soul music*, e tem nos bailes de *samba rock* (surgiram nos anos 1970) sua expressão popular; ou no Tirana – Av. São João 1413 – clube *underground* com *lounge*, bar e pista, reduto de jovens alternativos e irados, onde os gays são bem-vindos.

---

<sup>18</sup> A nova escola do Hip Hop não se diferencia apenas em virtude da diferença etária, mas por diferentes posturas musicais e temáticas das letras dos raps (MACEDO, 2007, p. 203).

## O cinema

A rua do Triunfo reunia um conjunto de atividades cinematográficas desde o início do século XX: pequenas produtoras, lojas de equipamentos, oficinas de manutenção e reparo, estúdios de fundo de quintal e distribuidoras de filmes ali instalados em virtude da facilidade de escoamento dos filmes para outras capitais e interior do país por meio do transporte ferroviário. A Polifilmes – rua do Triunfo, 75. A PoliFilmes instalou-se na região em 1953 e ainda permanece por lá.

O luxuoso Cine Olido (1957), situado na Avenida São João, agora funciona juntamente com a sede da Secretaria Municipal da Cultura e faz parte do projeto de revitalização do Centro. Primeira sala de cinema a funcionar dentro de uma galeria comercial, uma reforma dos anos 1980 subdividiu sua sala de 800 poltronas em três menores, hoje denominadas: Sala Olido, Cine Olido e Sala Paissandu.

O Viaduto de Santa Ifigênia (contempla 225m de extensão, apóia-se em três arcos, com estrutura de ferro fundido executada na Bélgica e projetado pelo Escritório Micheli e Chiappori, possibilitou a ligação em nível entre os largos São Bento e Santa Ifigênia. Inaugurado em 1913, pelo prefeito Raymundo Duprat, o Viaduto Santa Ifigênia foi recuperado pela EMURB em 1978, e, atualmente, destina-se apenas ao trânsito de pedestres. A Rua Santa Ifigênia reúne lojas de eletroeletrônicos, informática e música, distribuídas nas edificações históricas, caracterizadas, sobretudo, pelo ecletismo.

A Galeria do Rock ou Shopping Center Grandes Galerias – entre a Rua 24 de Maio e a Avenida São João, foi projetada pelo arquiteto Alfredo Mathias (1963) chama a atenção pelo seu formato ondulado, abriga 450 lojas, das quais 200 voltadas para o público que gosta de rock, estúdios de tatuagem e piercing, lojas dedicadas à cultura de rua (Hip Hop), constitui importante referência da área central.

Outra referência importante é a esquina das avenidas Ipiranga e São João, imortalizada pela letra da música de Vanzolini, que assim descreveu o seu *insight*:

No tempo que eu era rapaz, a boemia se centrava na Avenida São João, do Largo do Paissandu um pouco para cima. Era uma boemia de bares de orvalho, de *dancings* que furavam cartão, de restaurantes de sopa barata de madrugada. Era uma boemia de conversas de pouca coisa e devagar por noite afora. Às vezes entrava no bar e uma mulher de jeito preocupado, olhava bem na cara dos outros e saía como tinha entrado – ia provavelmente para outro bar. Um dia pensei em fazer um samba que começasse: de noite eu rondo a cidade [...] (VANZOLINI, 1977, capa do disco).

A homenagem à Guerra do Paraguai tem nas Ruas Aurora, Vitória e Triunfo a materialização física de sua expressão. A abertura das ruas coincidiu com o momento final da Guerra do Paraguai, tendo essa nomenclatura, constituído uma homenagem à “vitória” brasileira, mais tarde oficializada por meio do monumento em homenagem ao Duque de Caxias. Pode-se acrescentar ainda a denominação do Largo do Paissandu, a Rua 24 de Maio e a Avenida Duque de Caxias (que concentra lojas revendedoras de acessórios para automóveis e vendas de automóveis usados).

Destacam-se na região as obras de esculturas em homenagem ao Duque de Caxias, à Mãe Preta e a Fonte Monumental. São referências importantes, à presença dos negros na cidade ao mesmo tempo que à memória sobre o papel do Duque de Caxias na Guerra do Paraguai.

O Monumento ao Duque de Caxias (1950) – Praça Princesa Isabel – fundido em 1950 por Victor Brecheret no Liceu de Artes e Ofícios, de 45 metros de altura e 50 toneladas, constitui o maior monumento eqüestre do mundo. Na homenagem a Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi retratada, na base do monumento, uma cena da batalha de Itororó, ocorrida durante a Guerra do Paraguai.

A Fonte Monumental – Praça Julio Mesquita – foi instalada na então Praça Vitória em 1927, de autoria de Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto, ano no qual a praça passou a se chamar Júlio Mesquita. Composta por duas bacias circulares adornadas por máscaras de mulher e lagostas de bronze, a fonte tem, no alto, um grupo escultórico formado por um jovem pescador sobre um rochedo, de rede em punho, rodeado por sereias que tentam seduzi-lo.

Mãe Preta – Largo do Paissandu – do escultor Júlio Guerra, saiu vitoriosa em um concurso público, em 1953, para a construção de um monumento à mãe preta, inaugurada dois anos depois. Implantado no Largo do Paissandu, que já significava uma importante referência para a comunidade afro-descendente de São Paulo, o logradouro transformou-se em local privilegiado das comemorações relacionados ao movimento negro, bem como de manifestações artísticas e religiosas ao redor da estátua, sendo comum a presença de velas e oferendas como flores, bebidas, comidas e pedidos em pedacinhos de papel.

A região abriga diferentes modalidades de edificações residenciais: residencial coletivo e comercial (Avenida Cásper Líbero 116, 126, 134, 152 com Rua Beneficência

Portuguesa 53, 55), residencial unifamiliar (Palácio Campos Elíseos - Avenida Rio Branco 1269 a 1313), residencial multifamiliar uso subsequente como hotel (Praça Julio Mesquita, 108 - funciona como hotel desde 1949), residencial e comercial no térreo (Alameda Barão de Limeira, 145, 135, 133 - final do século XIX, estilo neoclássico, realizado pelos mestres italianos), o que expressam diferentes temporalidades históricas que marcaram a região e que ainda possuem exemplares arquitetônicos. A título de exemplificação destacam-se o Palácio Campos Elíseos e o Palacete Helvetia:

O Palácio Campos Elíseos - Avenida Rio Branco 1269 a 1313, projeto de Mateus Häussle (construído de 1896 a 1899) para a residência de Elias Antônio Pacheco Chaves (rico fazendeiro de café), foi finalizado pelo Escritório Ramos de Azevedo.<sup>19</sup> Adquirido em 1912 pelo Estado, a propriedade passou a abrigar a residência dos governadores e, em 1935, tornou-se, também, sede do governo do Estado, função que manteve até 1965. Ressalte-se então, que a transferência do Palácio para o Morumbi reforçou um processo de deterioração do Bairro.

O Palacete Helvetia – Rua Santa Ifigênia, 338 - constitui um dos primeiros exemplares dos edifícios de apartamentos destinados à classe média, remete-nos aos primeiros traços de verticalização da cidade.

### **Considerações finais**

Este trabalho objetivou evidenciar, na trajetória histórica de um bairro central da cidade de São Paulo, o Bairro de Santa Ifigênia, as marcas produzidas pelas transformações econômicas e sociais que se refletiram no espaço urbano da cidade, transformando funções residenciais em funções de diferente ordem a partir, sobretudo, das décadas finais do século XIX, momento em que se evidencia o encontro de vários processos cuja origem e explicação não se encontram apenas na história da cidade, mas do próprio estado de São Paulo e no papel que foi chamado a desempenhar na concentração industrial brasileira.

Assim, a cidade de São Paulo e as intervenções urbanas que nela ocorreram são produto de processos mais amplos que têm origem nas transformações introduzidas pelo café

---

<sup>19</sup> Na área central localizam-se diversas edificações realizadas pelo escritório de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, destacam-se a Secretaria da Fazenda (1891), Secretaria da Agricultura (1895), Quartel Tobias de Aguiar (1888), Escola Normal de São Paulo (1894), Escola Politécnica (1897), Liceu de Artes e Ofícios (1900), Teatro Municipal (1911), Correios e Telégrafos (1922), Palácio das Indústrias (1924), Mercado Municipal (1933) e Palácio da Justiça (1933).

e pela indústria, e mais recentemente, a partir da década de 80, pela chamada desindustrialização, transformando mais uma vez, os papéis concentradores do estado e da cidade nas funções financeiras e de serviços que passa a desempenhar em relação ao país como um todo.

Procuramos mostrar que o Bairro de Santa Ifigênia aparece assim, como emblemático desse processo, reunindo atualmente contradições que vão desde um comércio eletrônico altamente diversificado, até as funções religiosas e de hospedagem, de lazer e sociabilidade, num processo, contudo, que não parece reverter positivamente para a vitalidade do Bairro, marcado pela deterioração urbana, que talvez se explique em parte, pela descaracterização residencial progressiva que sofreu ao longo do tempo.

Lembrando Anne Gotman (2001) que mostra a importância de refletir sobre as figuras contemporâneas de hospitalidade e sobre os espaços sociais onde ela é susceptível de se reproduzir, buscamos também perceber, no emaranhado da diversidade do bairro, os aspectos do bairro que permitiam a fruição dos lugares de contato assentadas no valor da hospitalidade, do acolhimento e da convivialidade. Ela aponta para o fato de que a hospitalidade é o que permite aos indivíduos e às famílias de lugares e posições diferentes de se constituir em sociedade de se ajudarem mutuamente e reciprocamente. Assim, a hospitalidade implica práticas de sociabilidade, de ajudas e serviços que facilitam o acesso aos recursos locais e ao engajamento de vínculos que vão além da interação imediata.

Apontando para a dimensão ética ligada à responsabilidade de existirmos em sociedade Isabel Baptista (2005, p.12) diz: “Num tempo assustadoramente complexo e frágil, como este em que nos coube viver, importa conseguir promover práticas de cidadania assentadas no valor da hospitalidade, ou seja, no respeito do outro como outro”.

### **Referências bibliográficas**

- À ESPERA DE UM NOVO CICLO. **Arquitetura & Urbanismo – AU**. São Paulo, p. 72-75, jun 2005.
- ARAÚJO FILHO. A população paulistana In: \_\_\_\_\_. **A cidade de São Paulo**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.
- BASTOS, Senia. Hospitalidade e história: a cidade de São Paulo em meados do século XIX.
- DENCKER, A.; BUENO, M. S. (Orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira/ Thomson, 2003.

- BENÉVOLO, Leonardo. Prefácio. TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- BONDUKI, Nabil G. **Origens do problema da habitação popular em São Paulo**. *Revista Espaço e Debates*. São Paulo, n. 5 (2), março/junho de 1982.
- BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- Cidade**. A saga da metrópole e seu inventor. Cem anos de Prestes Maia. São Paulo: DPH, 1996.
- COSTA, Bertholdo. Alguma coisa acontece no meu coração: música, boemia e política numa esquina. **Revista Histórica**. Arquivo do Estado de São Paulo, n. 13, jan. a mar.
- FRUGOLI, Heitor. **Centralidade em São Paulo**. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo, Cortez/Edusp, 2000.
- GOTMAN, Anne. **La question de l'hospitalité aujourd'hui**. In Communications: L'hospitalité n.65. Paris: Seuil, 1997.
- GOTMAN, Anne. **Les sens de l'hospitalité: essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre**. Paris, PUF, 2001.
- LEMONS, Carlos. A cidade dos fazendeiros. Quando a força do café interveio no centro paulistano, In: ARAÚJO, Imanuel (Curador). **O Café**. Publicação Banco Real. São Paulo: 2000.
- MACEDO, Márcio. Baladas black e rodas de samba da terra da garoa. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese. **Jovens na metrópole**. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro nome, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- OLIEVENSTEIN, Claude; LAPLANTINE, Françoise. **Um olhar francês sobre São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SCHVARZMAN, Sheila. **Inventário de Santa Ifigênia**. São Paulo: Condephaat, 1986.
- SINGER, Paul. **Crescimento econômico e evolução urbana**: São Paulo. 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SINGER, Paul. **Economia, política de urbanização**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1973.
- VELHO, Gilberto. **Estilo de vida urbano e modernidade**. Estudos Históricos, vol. 8, n. 16: Rio de Janeiro, 1995, p.227-234.
- ZMITROWICZ, Witold. O sonho e a realidade do plano de avenidas. **Cidade**. A saga da metrópole e seu inventor. Cem anos de Prestes Maia. São Paulo: DPH, 1996.